

EFEITOS ECONOMICOS PARA INDUSTRIALIZAÇÃO FUNDAMENTADOS EM VANTAGENS COMPARATIVAS ENTRE O MATO GROSSO E CHINA

**Rosana Sifuentes Machado (Faculdade de Tecnologia SENAI
Mato Grosso)**

rosanasifuentes@gmail.com

**Dhaiany Ellen Alves dos Santos (Faculdade de tecnologia SENAI
Mato Grosso0)**

dhaianyellen@gmail.com

**Dryelle Sifuentes Pallaoro (PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM AGRICULTURA TROPICAL)**

dpallaoro@hotmail.com

**Pedro Silverio Xavier Pereira (PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA TROPICAL)**

pedro.sxp@hotmail.com



O Estado do Mato grosso apresenta vantagens comparativas no seu conjunto de recursos naturais relacionados ao clima e topografia, excelentes para produção de grãos se comparado a outras regiões do mundo. Apesar de apresentar uma localização central na Amé

Palavras-chave: Comércio internacional, Vantagens Comparativas, Desenvolvimento

1 Introdução

É impossível discutir economia local ou global sem pensar a respeito da origem do termo, que provem da gestão do lar, da empresa, da nação. Considere, também, a administração ou governança dos povos e da sociedade a que pertencem. Tratar economia em um contexto global consiste em examinar o comportamento social, cultural, político e econômico que motiva as pessoas em seus países a cuidar dos recursos escassos, em sua maioria não renováveis.

Neste estudo busca-se entender a movimentação e crescimento econômico na economia do Mato Grosso com a comercialização de *commodities*, em especial com o mercado da China que representa hoje 35 % da movimentação produtiva do Estado, segundo dados da Federação das Indústrias do Mato Grosso - FIEMT, boletim 09/2012. A investigação distinguirá um recorte entre a teoria econômica juxtaposta ao agronegócio do Estado, visando localizar elementos a respeito de afirmações e contradições causais a sobre a insustentabilidade do crescimento econômico baseada em extrativismo ou produção primária.

A pesquisa está fundamentada em revisão bibliográfica, empírica, além de análise dos resultados obtidos através da aplicação do modelo de Vantagem Comparativa, na intenção de levantar na bibliografia os benefícios e desvantagens com o desenvolvimento endógeno. Outro ponto é discorrer sobre efeitos do comércio internacional identificando o papel que o Estado representa no cenário do agronegócio nacional e mundial.

As informações foram obtidas a partir de dados coletados no Sistema de Análise de Comércio Exterior (ALICE) à Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) a *FoodAgricultureOrganizationofthe United Nations* (FAO) e Organização Mundial do Comércio (OMC, 2014).

2 Aporte teórico e o comércio internacional

O Brasil é um dos países da América Latina que iniciou tardiamente o processo internacional de liberação comercial, introduzido de modo drástico, acompanhado de políticas competitivas das economias mundiais que desaqueceram as indústrias nacionais. O período foi intercalado por crises cambiais e financeiras, até estagnação, (ALÉM, 2010).

Furtado (1992), descreve a construção interrompida do desenvolvimento e, sobretudo “um verdadeiro conhecimento de novas possibilidades e principalmente novas debilidades”, para o modelo econômico do agronegócio.

Desta maneira, é importante retomar a origem do pensamento econômico de Adam Smith (1776), em seu estudo a Riqueza das Nações, avalia a natureza e causas do enriquecimento dos países, o comércio entre eles e suas divergências. Smith formulou a divisão do trabalho, uma teoria que ficou conhecida como Vantagens Absolutas. Considerou que a nação deve especializar-se em determinada produto, e, produzir com vantagem absoluta trocando com outra nação o excedente da produção, por produto que não dominasse o processo produtivo completamente ou que tivesse menor vantagem absoluta baseado em custos, (SMITH, 1776).

Já Cerqueira(2004), pressupõe de comercialização entre nações podem auferir ganhos para ambas.

Robbins (2000) complementa que Smith vê na divisão do trabalho, além dos ganhos do comércio, os benefícios de crescimento entre os países. O comércio estimula essa divisão, que permite intensificar a eficiência na produção. Ao mesmo tempo em que a competição internacional estimula ganhos qualitativos.

Mais tarde, em 1817, David Ricardo retoma a teoria de Adam Smith esclarecendo os conceitos sobre outro prisma, do Princípio da Economia Política, a Lei das Vantagens Comparativas e afirma: mesmo que uma nação não possua desvantagens absolutas na produção de determinada *commodity* poderá obter resultados positivos, ou seja, “o que importa não é o custo absoluto de produção, mas a razão de produtividade que cada país possui”. Conceito relevante para a teoria do comércio internacional, atribuindo nele a relação de troca entre as nações, de maneira alavancar a condição de especialização para um diferencial competitivo para cada mercado de produto.

Entretanto, a teoria clássica não explica o quadro contemporâneo do comércio internacional. Ferrari Filho (1997,p.258) interpela que, para que os pressupostos clássicos sejam válidos deve-se observar as condições de:

“a) concorrência perfeita nos mercados de bens e fatores; b) imobilidade internacional dos fatores de produção; c) ausência de quaisquer custos adicionais, como fretes e seguros, incidentes sobre a operacionalização do comércio internacional; d) livre comércio, caracterizado pela inexistência de barreiras alfandegárias, tarifas e quaisquer outras restrições à importação.”

Os pensamentos de Smith e Ricardo, sobre o comércio internacional, buscavam responder profundas indagações sobre o destino do desenvolvimento das nações e contribuir com a construção desta teoria econômica no contexto político e histórico do período.

Contudo, os teóricos neoclássicos progrediram no modelo “ricardiano” e analisaram um conjunto de fatores de produção, incluindo capital e trabalho, bem como a tecnologia utilizada entre as diferentes nações. Desta forma para Kenen (1998), sugere a Teoria de Heckscher-Ohlin e reitera “o comércio baseia-se nas diferenças de abundâncias de fatores, reduzindo os efeitos principais dessas diferenças”. Os pressupostos de Heckscher-Ohlin tratam inclusive do modelo crescente de globalização.

De acordo com Sarquis (2011), “o comércio e o crescimento geram oportunidades recíprocas, um alimentando o outro, em escala global.” Em maior ou menor grau, as estratégias de desenvolvimento representam padrões que dependem das instituições, das políticas educacionais, da tecnologia, do comércio, da indústria e do sistema financeiro em cada nação. Ou seja, os motivos que levam o comércio internacional a contribuir integralmente com o crescimento ao aportar benefícios ou desigualdades devem ser equacionados, Rodrik (1999); Stlitz, (1998). Dessa maneira, as regiões que movimentam produtos para exportação investem na implantação de operações, padrões internacionais de qualidade baseados nas exigências dos clientes, características singulares que conferem crescimento e desenvolvimento em níveis e padrões mundiais.

Essas externalidades estão atreladas às reflexões da escola Cepalina, com Raul Prebisch, 1950, que assegura: o crescimento econômico é determinante para o desenvolvimento, sendo este um processo que tende a buscar fronteiras tecnológicas e de bem-estar para as economias, contribuindo nesse feito com a obtenção dos objetivos das nações como maior emprego, melhor distribuição da renda e riqueza, bases para sustentabilidade e estabilidade econômica.

Outro ponto importante da teoria do crescimento são as classificadas como Neoclássicas e do Crescimento Endógeno com aporte da Teoria Neoclássica desenvolvida por Robert Solow (1956) e Trevor Swan (1956) baseadas nos pressupostos que os mercados de produção em sua essência devem ser idênticos, de concorrência perfeita.

Já a teoria do Crescimento Endógeno, descreve o crescimento a partir de Romer (1986) e Lucas (1988), que englobam os mecanismos adiantados nos modelos iniciais amparados no acúmulo do conhecimento do capital humano, na diversificação da tecnologia; a teoria permite idealizar padrões em que o comércio e crescimento sustentem causalidades e ganhos,

emergindo do estático, fortalecem as partes; possibilitam elaborar afirmações de que as externalidades se acumulem nos países que mais investem nos processos de indução ao próprio crescimento local e inovação.

Young (1993) relata que a proteção de mercados menos desenvolvidos com subsídios a setores de alta tecnologia podem auferir benefícios principalmente a indústrias iniciantes.

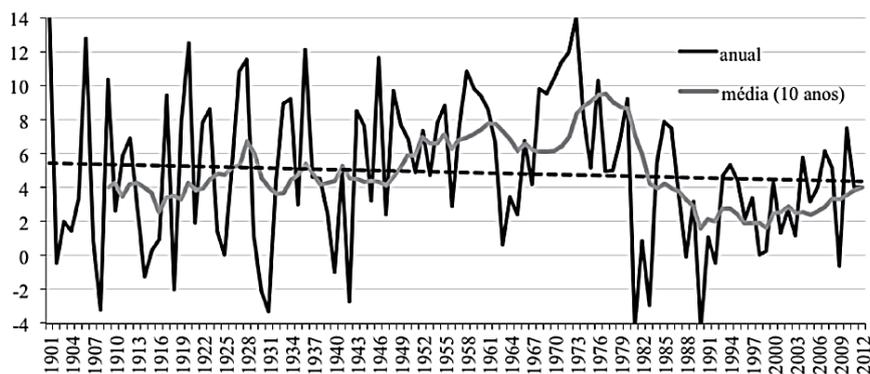
Seguindo os autores Grosman e Helpman (1991) a abertura da economia tanto pode beneficiar como prejudicar os processos de acúmulo de conhecimento levam a diversificação e dinamismo do comércio, a abordagem está vinculada a questões estruturais, padrão econômico, políticas e inserção internacional na macroeconomia. Desta forma procura-se entender a relação de comércio multilateral entre o Estado do Mato Grosso e a China, enquanto parceiros nas negociações internacionais.

2.2 Mercado Mato Grosso e China

Nas informações coletadas empiricamente em revistas e jornais, meios de comunicação informais, relatos de congressos, seminários confirmam interesse dos Chineses em quase todos os tipos de *commodity* que possam ser produzidos e movimentados a partir do MT, em um padrão de qualidade internacional, são exemplo: o complexo da soja, milho, arroz, algodão, carnes diversas, madeiras, leites, incluindo a necessidade por leite em pó para alimentação de crianças, minérios, plantas medicinais entre outras.

Não se pode omitir que sejam consideradas as dimensões temporais e geográficas, ou seja, a localização do Brasil e China no globo, suas necessidades e diversidades culturais e formação como elementos que interferem diretamente nos custos de qualquer atividade comercial e alteram a competitividade no mercado externo. Neste ponto inclui-se a necessidade de uma logística internacional eficiente que atenda o cliente destino com o menor prazo, eficiência dos competidores, (BALLOU, 2012).

Figura 1 - Taxa de crescimento real do PIB do Brasil ao ano (%), 1901-2012



Fonte: IBGE e adaptação de SARQUIS, 2011.

O crescimento implica análises e reflexão do ponto de vista qualitativa e quantitativa, neste contexto tem sofrido constantes efeitos da crise econômica global. A figura 1 demonstra a recuperação da economia do Brasil em 2010 com expansão de 7,5% no PIB e tendência que a longo prazo que indica decréscimo para 4% em 2011 e 2012, os economistas prospectaram dígitos menores para o próximos quinquênio.

Para Sarquis (2011), é necessário examinar questões que gerem subsídios para entender a questão da expansão do comércio nos países via exportação e importação que cooperem para o crescimento da economia bem como sua sustentabilidade em longo prazo, que não venha a despertar somente dependência, devendo gerar a composição de fatores, com níveis tecnológicos, que levem especialização na produção de bens industriais diferenciados.

No entanto, o Brasil revelou baixa persistência para o seu crescimento justamente no período de maior crescimento mundial, anos 80 e 90, o que contrasta largamente com o caso chinês, que abriu mercados, e, sobretudo buscou o desenvolvimento científico, conhecimento, tecnologia, com implantação e fechamento de plantas industriais em locais pouco estratégicos chegando a desativar cidades inteiras.

Hoje, os chineses estão interligando suas regiões com transporte capaz de movimentar grandes volumes e quantidades de passageiros e cargas com alta velocidade, cujo minério para essas estruturas originam de países do hemisfério sul, a exemplo a América Latina também a partir do Brasil. Ademais, a China busca matriz energética alternativa constantemente. O acesso da China em 1971 à Organização Mundial do Comércio, OMC, criou novas oportunidades de crescimento e cooperação econômica e comercial entre Brasil e China. E essa cooperação apresenta as características de complementaridade, com o comércio bilateral, (FARES,2016)

Para Fares (2016), o cenário de mudanças a América Latina é uma região dinâmica de constante crescimento econômico. Sendo que do ponto de vista político o Brasil ocupa uma posição estratégica no mundo. De crescimento intenso no cenário latino-americano, entretanto, a China é o maior país em desenvolvimento no mundo. Existe entre Brasil e China uma forte identidade que é a de desenvolver economicamente suas regiões, gerar empregos e melhorar as condições de vida da população. Também, são pontos de identidade comum que precisam desaguar na cooperação para alavancar interesses fundamentais entre os países. Outra questão chave é a falta de atratividade de investimento no sistema de manufatura, de crescimento insipiente barreira que desfavorece o processo de industrialização no Mato Grosso, impactada ainda pela Lei Kandir que poderia gerar emprego e crescimento para os municípios.

A lei Kandir subsidia a produção de *commodity* diminuindo tributos dos produtos primários e semielaborados para exportação. Impactando diretamente na baixa arrecadação dos Estados e Municípios, relacionada e incapacidade para oferecer serviços públicos de qualidade, quanto para investir em recuperação de suas ruas, pontes e estradas, saúde, educação e segurança, (AMM, 2013). Além disso, o processo interfere na logística do negócio como um todo.

Quando se estuda localização para o sistema produtivo eficiente buscam-se as relações de movimentação e armazenagem como temas focais para rentabilidade ou customização. Os aportes logísticos devem ser exaustivamente discutidos, planejados com a pesquisa operacional, simulações e programas computacionais de roteirização, buscando novos desenhos de cadeias de suprimentos a fim de minimizar a falta de estrutura física, o gasto com a logística nos sistemas produtivos são entraves determinantes para as negociações das *commodities* do Mato grosso.

A China, segundo informações coletadas nos relatos do 9º Encontro sobre Comércio Bilateral Brasil e China (2008) promovida pelo Ministério das Relações Exteriores, enfrenta enormes desafios relacionados a:

“(a) necessidade de promover maior eficiência energética e o uso racional de recursos naturais, (b) enfrentar seriamente a calamitosa degradação ambiental, (c) combater a desigualdade social, (e) avançar na implantação de um sistema financeiro mais eficiente e sofisticado.”

Relatórios da FIEMT (2012), assinalam informações que o Mato Grosso perpetua o papel desempenhado por países latino americanos na Divisão Internacional do trabalho subordinado

à fornecedor de bens primários e semimanufaturados em interdependência a exportação para China:

“Em relação ao destino das exportações, observa-se crescente e preocupante concentração do bloco da Ásia que, no primeiro trimestre de 2012, mais que duplicou as suas compras em relação ao mesmo período de 2011”. As participações deste bloco nas exportações estaduais representaram mais da metade (53%) de todo valor exportado; em mesmo período do ano anterior correspondiam a 34% do total.

O Estado do Mato Grosso cresce em ritmo constante a mais de trinta anos e a necessidade de escoamento da safra mantém-se em estrangulamento com modalidade de transporte com alto custo, tratar-se de caos estrutural. Questiona-se por que os tomadores de decisão do Estado optam em investir somente no aumento da produção e aguardar que o governo federal atuasse neste déficit de estrutura viária. Países com o EUA optaram estrategicamente em desenhar uma malha viária, com modal ferroviário total, para grandes volumes de carga, a mais de duzentos anos, o Brasil pelo contrário desarticulou parte de suas linhas férreas.

3. Metodologia

3.1 Instrumentos teóricos

A pesquisa classifica-se como exploratória explicativa, de caráter aplicado, pois analisa o fluxo do comércio Mato Grosso e China com dados da balança comercial. Para atingir o objetivo foi utilizado um plano de referencial da econômica internacional no período de 2011, 2012 e parte de 2013, somando as commodities movimentadas entre as regiões. Ademais, a revisão bibliográfica como ferramenta. Na análise da comercialização entre o Mato Grosso e China; foram utilizados os métodos estatísticos de comparação simples. Os dados foram extraídos de fontes diversas: a primeira que corresponde às exportações do Brasil e do Mundo oriundos da base da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAOSTAT), a segunda base de dados que correspondem ao valor das exportações entre Mato Grosso e China; extraídas do sistema (ALICEWEB/SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

4. Resultados e discussões

A especialização no comércio internacional é comandada pelo critério de vantagens comparativas de custos. Resultados da Balança Comercial apontam que o intercâmbio comercial entre Brasil e China apresentou um total de exportação de US\$ FOB 32.293 milhões, sendo que o produto que obteve maior representatividade foi sementes e grãos, como

pode ser constatado na Tabela 1, basicamente são exportados *commodities* com pouco valor agregado, em grandes volumes, exportados produtos industrializados com alta tecnologia, pouco volume, facilita a movimentação, exceto para máquinas e produtos de aço e ferro, cujo insumo muitas vezes provem do Brasil, (FARES, 2016).

Tabela 1 – Brasil e China: composição percentual do intercambio comercial 2012, 2013

US\$ milhões, fob				
DESCRIÇÃO	2012 (jan-set)	part.% no total	2013 (jan-set)	part.% no total
EXPORTAÇÕES				
sementes/grãos	11.759	36,40%	16.440	45,80%
Minérios	10.788	33,40%	11.273	31,40%
combustíveis	3.302	10,20%	2.373	6,60%
pastas de madeira	877	2,70%	1.111	3,10%
Açúcar	746	2,30%	1.091	3,00%
peles e couros	357	1,10%	444	1,20%
gorduras e óleos	805	2,50%	406	1,10%
ferro e aço	491	1,50%	393	1,10%
Cobre	81	0,30%	336	0,90%
Carnes	394	1,20%	329	0,90%
Subtotal	29.600	91,70%	34.196	95,20%
outros produtos	2.693	8,30%	1.714	4,80%
Total	32.293	100,00%	35.910	100,00%
IMPORTAÇÕES				
máquinas elétricas	7.355	29,30%	8.087	29,10%
máquinas mecânicas	5.512	22,00%	6.225	22,40%
químicos orgânicos	1.288	5,10%	1.648	5,90%
automoveis	690	2,80%	760	2,70%
obras de ferro/aço	718	2,90%	760	2,70%
Plásticos	649	2,60%	743	2,70%
ferro e aço	664	2,60%	715	2,60%
vestuário, exceto de malha	644	2,60%	673	2,40%
instrumentos de precisão	534	2,10%	585	2,10%
filamentos sint./artificiais	449	1,80%	555	2,00%
Subtotal	18.503	73,80%	20.751	74,60%
outros produtos	6.578	26,20%	7.053	25,40%
Total	25.081	100,00%	27.804	100,00%

FONTE: Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial.

Dados da UM/UNITAC/COMTRADE/TRADEMAP - october 2013

Para Chang (2011), analisa em suas pesquisas que o panorama de exportação, demonstra que o Brasil aumentou sua participação no mercado internacional e o valor exportado com o Leste e Sudeste Asiático, principalmente China e Japão, com produtos que demonstram vantagem comparativa e cuja contribuição ao saldo comercial brasileiro é positiva e fundamental. Sendo comercializado principalmente carnes, sementes, grãos, plantas medicinais e minérios, no caso do mercado chinês e com menor intensidade tecnológica concentrada em produtos primários em complementaridade entre a economia brasileira.

Existem controvérsias observadas mesmo com o empenho em agrupar as teorias do comércio internacional e do crescimento e comercialização das nações ou regiões, os contrastes entre os objetivos do primeiro que dificultam as inter-relações de crescimento sustentável e consistente.

Para Georg List (1869), “a prosperidade de uma nação não aumenta, na proporção em que esta acumulou maior riqueza (isto é valores de troca), mas na proporção em que mais desenvolveu suas forças de produção”. Ajuda os produtores do seu país a entender que a “nação deve sacrificar e deixar de lado um pouco da prosperidade material para adquirir cultura, habilidade profissional e força de produção. Deve sacrificar algumas vantagens atuais, se quiser assegurar para si vantagens futuras”.

Para que isso ocorra, é preciso construir estratégias endógenas de desenvolvimento com base na questão central do trabalho decente para todos (OIT, 2001, 2002a, e 2002b) por meio do emprego ou do auto emprego na produção de meios de subsistência. Sem negar a importância da promoção das exportações, é preciso lembrar que nove em cada dez pessoas em todo o mundo trabalham para o mercado interno, (FERRER, 2002).

Desse modo, segundo Amaral Filho (2002):

...O desenvolvimento endógeno pode ser entendido como um processo de crescimento econômico que implica em uma contínua ampliação da capacidade de geração e agregação de valor sobre a produção bem como da capacidade de absorção da região, na retenção do excedente econômico gerado na economia local e na atração de excedentes provenientes de outras regiões. Esse processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda local/regional gerada por uma determinada atividade econômica.

List (1864), confirma que “a força agrícola da produção é tanto maior, quanto mais intimamente uma capacidade de industrialização, desenvolvida em todos os ramos, estiver unida local, comercial e politicamente à agricultura. Na proporção em que a capacidade manufatureira for assim desenvolvida, também se desenvolverão a divisão das operações comerciais e a cooperação das forças produtivas na agricultura, atingindo o mais alto estágio

de perfeição.”. Estes elementos foram denominados por List como “equilíbrio ou harmonia das forças produtivas”.

Desta forma segue o cenário comercial entre Mato Grosso e China. Na Tabela 2, pode-se observar que é crescente o valor negociado entre as regiões, maior ainda o volume a ser escoado, cuja dificuldade de implementação modal apropriado é enorme, enviamos produtos *in natura*, na maioria e recebemos produtos com alto valor agregado, em uma troca, cuja importação é menor.

Tabela 2 - Balança Comercial entre o Mato Grosso e China - 2011 a 2013

Mês de ref.	ANO 2011 - IMP/EXP		ANO 2012 - IMP/EXP		ANO 2013 - IMP/EXP	
	Valor de Imp	Valor de Exp	Valor de Imp	Valor de Exp	Valor de Imp	Valor de Exp
JANEIRO	12.969.672	2.164.169	12.605.934	135.799.062	4.841.032	22.623.883
FEVEREIRO	10.367.251	13.213.601	7.246.181	117.376.721	21.920.833	183.779.591
MARÇO	6.116.243	375.600.377	9.913.245	729.835.949	14.838.914	554.537.705
ABRIL	9.100.374	667.728.327	1.824.150	537.218.083	18.412.234	1.126.185.430
MAIO	16.972.986	388.517.055	5.081.185	1.170.757.902	8.203.660	1.001.150.252
JUNHO	14.115.729	449.975.216	3.142.838	581.954.902	9.429.377	797.246.836
JULHO	19.739.453	440.309.342	12.895.896	342.017.461	9.429.293	617.409.530
AGOSTO	16.235.462	219.187.467	12.741.987	225.607.118	21.948.023	298.798.982
SETEMBRO	5.003.503	198.166.792	9.327.031	150.712.172	14.687.869	248.789.323
OUTUBRO	29.211.190	202.892.132	3.413.746	160.593.220	6.993.422	94.027.492
NOVEMBRO	12.963.117	319.777.133	4.444.561	77.924.047	0	0
DEZEMBRO	8.473.897	234.708.814	4.028.210	71.940.832	0	0
	161.268.877	3.512.240.425	86.664.964	4.301.737.469	130.704.657	4.944.549.024

Fonte: MDIC/SECEX, dados adaptados à pesquisa, 2013

5. Considerações finais

A pesquisa procurou averiguar informações a respeito do impacto ou oportunidade para estudo de mercado do agronegócio entre o Estado do Mato grosso e a China. A análise dos dados secundários permitiu constatar que há um crescimento econômico constante, principalmente nas áreas do Mato grosso onde prevalece à agricultura, os municípios prósperos.

Outro fato que deve ser incorporado às conclusões diz respeito ao perigo do Mato grosso se tornar dependente da China para comercialização, aumentando as exportações e na contrapartida colocar todos “os ovos em uma cesta só”, ou em um mesmo mercado comprador.

As potencialidades obtidas com os fatores de produção dos agricultores do Mato grosso não constituem vantagens competitivas por não se formarem com diferencial das demais

commodities do mercado mundial, tornando-se somente vantagens comparativas; positivamente reconhecidas para determinar a semelhança entre outras regiões do Brasil que possuem o mesmo perfil do Mato grosso, alta produtividade com até três safras em um mesmo ano. Sabe-se que o princípio da vantagem comparativa explica a interdependência e os ganhos de comércio. Como a interdependência é tão prevalente no mundo moderno, o princípio da vantagem comparativa tem muitas aplicações e a principal é defender o livre comércio entre os países ou regiões.

Em suma, se o desenvolvimento endógeno é o processo que provoca contínua ampliação da capacidade de gerar valor agregado aos sistemas produtivos, primários e secundários o desenvolvimento sustentável tem os parâmetros em lidar com os elementos que comprometem as futuras gerações.

Se com o foco exclusivo de produção de *commodities*, extração de recursos naturais escassos para exportação como as futuras gerações poderão crescer ou desenvolver-se sem a estrutura que não foi gerada. Os chineses com sua cultura milenar têm muito a ensinar aos mato-grossenses principalmente sobre a soja, aprender a conviver e lucrar com alta tecnologia. A cultura, educação, tecnologia e inovação mais o entendimento da volatilidade dos mercados orientam o produtor para visão de um futuro sustentável e desenvolvimento no Estado do mato grosso.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, J., Desenvolvimento Regional Endógeno. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza 2002.

ALÉM, A. C. Macroeconomia – teoria e prática no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2010

BALLOU, Ronald H. Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos (Planejamento, Organização e Logística Empresarial), 2ª edição. Ed. Bookilometroan, 2012.

FAOSTAT – Banco de Dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
<<http://faostat.fao.org/site/535/default.aspx#ancor>.

FARES, Tomas Mefano, SÉCULO XXI, Porto Alegre, V. 7, Nº1, Jan-Jun 2016

FERNANDES, S.; Wander A.E. e Ferreira C.M. (2008) Análise da Competitividade do Arroz Brasileiro: Vantagem Comparativa Revelada. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. SOBER XLVI.

FIEMT – relatório da Federação da indústria e Comércio do Mato Grosso de setembro de 2012.

FERRARI FILHO, f. Uma agenda econômica pós Keynesiana para economia brasileira. Rio de Janeiro, Fundação KonradAdenauer, 2003.

FURTADO, Celso Perspectivas da economia brasileira. RJ, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Fundo de Cultura, 1958

FURTADO, Celso Formação Econômica do Brasil. RJ, Fundo de Cultura, 1959.

GROSMAN E HELOMAN, Sanford e Iliver. On the impossibility of informationally Efficient Markets, América Economic Review nº 393, June 1993.

CERQUEIRA, H. Adam Smith e o surgimento do discurso econômico. Revista de Economia Política, v. 24, n. 3, p. 422-441, 2004.

LUCAS, Robert. On the Mechanics of Economic Development Journal of Monetary Economics nº 22, 1988.

KENEN, P.B. Economia Internacional: Teoria e política. Tradução Silvia DisselSchiros, Rio de Janeiro, Campos, 1998.

PREBISCH, Raul, The Economic Development of Latin America and its Principal problems. NY: United Nations, 1950.

ROBBINS, Stephen P. Administração: Mudanças e Perspectivas. Editora Saraiva, 2000.

RODRIG DANI, The New Global Economy and Developing Countries King openness Work, Washington D.C.: Overseas Development Council, 1999.

ROMER Paul, Increasing Returns and Long Run Growth Journal of Political Economy, v. 94 nº 5, 1995.

SARQUIS, José Buainain, Comércio Internacional e Crescimento Econômico no Brasil, Fundação Alexandre de Gusmão – Brasília 2011.

SACHS, Jeffrey D., Economic reform and the process of global integration, Brookings Papers on Economic Activity, 1995

SECEX/MDIC – Banco de Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1076>

OMC – Banco de Dados da Organização Mundial do Comércio

<http://stat.wto.org/CountryProfile/WSDBCountryPFHome.aspx?Language=E>

LIST, George Friedrich, (1789 – 1846) Sistema Nacional de Economia política / Georg Friedrich List; apresentação de Cristovão Buarque, Ed. Victor Civita 1983.

MDIC, Balança Comercial Brasileira, 2011,2012,2013 ALICE.

WAQUIL, P. D.; Alvim, A. M.; Silva, L. X. eTrapp, G.P. (2004). Vantagens comparativas reveladas e orientação regional das exportações agrícolas brasileiras para a União Européia. Revista de economia e agronegócio. Viçosa: UFV, v.2, n.2.

YOUNG, Calos Eduardo, Thee Essays on Sustainable Development, Centre for Social and research on Global Environment, 1993

<https://www.itau.com.br/itaubba-pt/analises-economicas/publicacoes/nossos-artigos/a-desaceleracao-do-brasil-e-global-de-ilan-goldfajn>

<http://www.usp.br/agen/?p=85933> agencia USP de notícias 11/01/2012

[WWW.braziltradenet.gov.br](http://www.braziltradenet.gov.br) 11/01/2013